

#### 4.

### Paulo Coelho: um espetáculo em quatro atos.

*“O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é.”*  
(Erving Goffman)

Como em uma peça de teatro, a vida é uma representação que tem como por objetivo atingir determinado público e passar determinada mensagem. Para tanto, faz-se uso de algumas técnicas tais como cenário, figurino, linguagens e de meios adequados para que a impressão desejada possa efetivamente chegar ao público. Nos deparamos com isso todos os dias, nós fazemos nossas representações de nós mesmos, nós construímos nossas imagens de acordo com o público que queremos atingir, mas para uma pessoa pública, a imagem que dela fazem torna-se essencial para que seu lugar seja legitimado como tal. Entretanto, para que as impressões apropriadas sejam transmitidas, o ator deve agir com responsabilidade, pois muitas ações insignificantes podem levar ao insucesso de sua representação.

A transmissão de valores de uma celebridade, de um pop star, faz com que este se torne mais palpável, mais real, aos olhos daqueles que se identificam com aquilo que é narrado, mostrando que, assim como uma pessoa anônima, o ídolo passa por problemas, rejeições, ou seja, não é tão diferente dos “normais”.

Para que seja possível tal identificação, algumas vezes é necessária a “entrada” nos bastidores da representação do indivíduo, na vida íntima daquele que representa. Obviamente, que o acesso aos bastidores é limitada, só sendo mostrado aquilo que interessa para o ator, ou seja, a platéia apenas vê aquilo que contribuirá na construção da representação.

A vida de Paulo Coelho já foi tema de documentários para a TV irlandesa (Seven Days - a Journey with Paulo Coelho), Japonesa ( The road of Kumano em fevereiro, The Road of Santiago em setembro), Canal People & Arts ( Paulo Coelho, o alquimista da palavra), A&E Mundo, TV Prima, entre outros. As narrativas biográficas, presentes em diversos meios de comunicação, tornaram-se um fenômeno nos dias de hoje. O interesse do público por tais narrativas nos faz pensar na importância da identificação de sentidos na cultura contemporânea.

Além disso, as entrevistas e programas biográficos colocam a platéia em contato com a história daquele que representa, isto é, a imagem é construída através das palavras faladas e escritas. Obviamente, é apenas mostrado, em tais meios, aquilo que o ator acredita ser válido para causar a impressão desejada, sendo assim, o ator controla sua representação.

“Os textos, mesmo em mãos de atores iniciantes, podem ganhar vida porque a própria vida é uma encenação dramática.”<sup>1</sup>

A mídia e a sociedade não podem mais ser vistas como partes independentes, pois a nossa sociedade é midiaticizada, afinal os meios de comunicação tornaram-se mediadores das formas de agir, pensar, expressar e se relacionar e é através de tais meios que contamos e escutamos histórias sobre a nossa sociedade e sobre nós mesmos. Cabe ao ídolo saber fazer o uso correto de tais meios, para que sua história seja contada de acordo com seus interesses e de acordo com a expectativa de seus fãs. Utilizaremos aqui diferentes mídias através das quais Paulo Coelho construiu e constrói sua imagem. Serão jornais, revistas, entrevistas, programas de televisão e Internet que, ao longo de todos estes anos, foram essenciais na divulgação e construção da imagem adequada às ambições de Coelho.

Para que um espetáculo seja um sucesso de público são necessários quatro fatores: um enredo interessante, um cenário atrativo, um figurino que seja condizente com o enredo e um bom ator. Há dois tipos de ator, o ator sincero e o ator cínico. O primeiro está realmente convencido de que a impressão da realidade que encena é a verdadeira realidade; já o segundo tipo de ator não acredita em sua própria atuação. Neste caso, preferimos acreditar que nosso ator se encaixa no primeiro tipo.

Aqueles quatro fatores apresentados anteriormente, ou seja, toda a representação do ator é modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade. Logo, a representação apresenta uma imagem daquilo que a sociedade aprova, isto é, o desempenho do indivíduo não poderia ser constante, afinal, muitos valores se modificam. Uma análise cronológica nos

---

<sup>1</sup> GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985. P. 71.

permite enxergar mais claramente as revisões, as recriações da imagem construída de acordo com a impressão desejada no momento, isto é, podemos notar o desenvolvimento da imagem na fabricação desta, unindo a abordagem cronológica com a abordagem analítica. Para tanto, veremos como os mesmo acontecimentos são contados de maneiras diferentes ao longo da vida de Paulo Coelho, através de declarações do próprio escritor dadas em entrevistas em jornais, revistas e programas de televisão bem como declarações e impressões de jornalistas.

Bom espetáculo!

## 4.1

### Primeiro Ato: da infância à juventude.

*“Só olhamos para frente, encarando sem receio a subida para a glória.  
Pensativos, fazemos nossos projetos, sonhamos  
com todas as maravilhas que encontraremos e, passo  
a passo, iniciamos a subida...  
Que encontraremos no caminho?...”*  
(Paulo Coelho, 1963).

Paulo Coelho nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, em 24 de agosto de 1947. Criado em uma família tradicional, Coelho teve uma educação absolutamente formal e conservadora.

Educação esta construída, também, dentro dos muros do Colégio Santo Inácio, no qual estudou quase toda sua infância e adolescência, comandado por jesuítas que, segundo Coelho, eram bastante conservadores e severos. Segundo o autor, é durante o colégio, mais precisamente ao ganhar um concurso de poesia, que ele descobre sua vocação para escritor e desenvolve suas habilidades no ofício.

#### ***“Quando decidiu tornar-se escritor?”***

*A idéia de escrever vem desde a minha adolescência . No início, por ser muito solitário, achava que a única maneira que conseguiria me comunicar com o mundo era através da poesia; o tempo passou, saí daquele isolamento natural de adolescente, tive uma juventude bastante conturbada, mas a palavra continuou sendo minha maneira de entender melhor o mundo e a mim mesmo. Mas só tomei coragem de viver o meu sonho em 1986, quando fiz o Caminho de Santiago.”*<sup>2</sup>

Vemos aqui a necessidade de dar importância ao ato de escrever, como um veículo para a salvação. A história de vida, portanto, traz um significado simbólico para a estrutura do personagem, servindo como base de toda sua representação. Coelho, porém, não era um aluno exemplar. A conclusão do Ensino Médio não foi por mérito próprio, mas foi possível graças ao dinheiro de seus pais.

A constante insistência em tornar-se escritor causa repressão por parte dos pais, fazendo com que o jovem adolescente torne-se revoltado e violento em sua casa. A leitura de *Trópico de Câncer* teria sido a gota d’água para que a revolta

---

<sup>2</sup> [www.paulocoelho.com.br](http://www.paulocoelho.com.br)

fosse instaurada em Paulo. A partir de então se seguem três internações em uma clínica para doentes mentais.

*“O atestado médico diz que eu era irritadiço, que hostilizava as pessoas politicamente, que vinha piorando na escola progressivamente, que minha mãe achava que eu tenha problemas sexuais, que não tinha amadurecido o suficiente para minha idade e que, quando queria uma coisa, tentava consegui-la de qualquer jeito, o que demonstrava atitudes cada vez mais radicais e extremistas. E que tudo aquilo levou meus pais a me internarem.” (Paulo Coelho, 1998)*

Com direito a choques elétricos, convivência com esquizofrênicos e até momentos de diversão, a primeira internação durou pouco e terminou devido à boa conduta do paciente. Já a segunda internação teve seu ponto final na fuga de Paulo Coelho, uma fuga um tanto surreal e, segundo o próprio, simbólica.

Sem dinheiro, sem ter o que comer, após ficar dois meses sem dar nenhuma notícia aos pais, o bom filho à casa torna. Depois de um ano tranqüilo, Paulo encontra uma nova paixão: o teatro. Terceira internação, pois o teatro, para seus conservadores pais, era pessimamente visto como um antro de drogas, homossexualidade e repleto de vagabundos e pessoas perigosas. Mais uma fuga da internação e Paulo Coelho finalmente encontra um médico que o declara são, apenas faltava coragem para encarar a realidade da vida.

Ressentimento, mágoa e raiva seriam sentimentos compreensíveis em qualquer ser humano que fosse obrigado a ficar preso, por motivos banais, em um manicômio. Paulo Coelho, porém, afirma e compreende que a atitude de seus pais foi causada por excesso de amor e tornou-se uma maneira de realização de seu bom combate.

A personagem principal deste nosso espetáculo é o típico herói moderno. As aventuras começam em sua infância, quando o pequeno Paulo sofre as internações. O herói, portanto, é aquele que lutou e venceu suas condições históricas e pessoais de maneira extraordinária. É um homem notável por sua bravura, o herói sempre triunfa diante de seu inimigo, não sendo, portanto, invulnerável, afinal, o ser humano perfeito é desinteressante e são as imperfeições da vida algo apreciável. Assim como um líder carismático, ou melhor, por ser um líder carismático, o herói necessita de seus seguidores, pois sem esta relação (herói/seguidores, ídolo/fãs) o herói não é herói, é apenas mais um na multidão.

Após as três internações, Coelho passou a se dedicar ao teatro, atuando, dirigindo e dando aulas. Com pouco dinheiro no bolso, saiu, com sua turma hippie, viajando pelos Estados Unidos. Neste momento, a cultura hippie tornou-se a cultura do futuro escritor e o interesse por astrologia surgiu na vida de Paulo Coelho.

Em 1963 acontece em São Francisco o verão do amor, lá é definida e divulgada a figura do hippie pelos meios de comunicação. Apesar de caracterizada principalmente pela busca do prazer, a utopia hippie não deixava lugar para injustiças sociais e opressão. Aparecia a chamada contracultura, que unia três temas: drogas, liberdade sexual e crítica ao sistema político.

A contracultura surgiu, nos Estados Unidos, como uma reação ao serviço militar obrigatório na época da Guerra do Vietnã, tal reação era expressa através de canções de rock, que mostravam maneiras alternativas de rejeição ao sistema, maneiras que iam do misticismo oriental a drogas ou guerrilhas urbanas. O fim do monopólio das tradições religiosas era defendido, assim, as experiências religiosas vinculadas a uma Instituição perderam sua aceitação, sua força, e o sagrado passou a ficar mais próximo das vivências pessoais. A ideologia da contracultura norte-americana, portanto, continha uma proposta utópica da sociedade que vivia em tempos de guerra.

Enquanto de um lado a juventude militante lutava contra a ditadura brasileira, do outro lado a juventude esotérica fazia sua busca espiritual. Foi a partir de 1971, que a astrologia, numerologia, tarô, etc. começaram a fazer parte da vida da classe média brasileira.

Quando Coelho retornou dos Estados Unidos, no começo da década de setenta, a imprensa alternativa dava seus primeiros passos, imprensa esta diferente daquela da esquerda, pois a revista fundada por Paulo Coelho, por exemplo, a *2001*, tratava de discos voadores e temas místicos e não estava preocupada com temas políticos.

É preciso que façamos uma observação. Os fatos ocorridos na infância de Paulo Coelho são contados hoje, ou seja, são contados de acordo com a imagem que o escritor pretende fabricar hoje. Como dizia Waly Salomão “*a memória é uma ilha de edição*”, portanto, só nos é mostrado aquilo que é lembrado ou que merece ser contado de maneira que contribua com a impressão desejada por aquele que nos conta. Assim, a imagem não é apenas construída através de fotos,

roupas e filmes, mas também por aquilo que nos é dito, e a união entre a imagem física e aquilo que é falado faz com que aquele que representa fabrique uma imagem mais uniforme, coerente e, conseqüentemente, convincente. A capacidade do indivíduo de dar impressão, portanto, envolve dois tipos de atividade significativa: a expressão que ele transmite, ou seja, os símbolos verbais e a expressão que ele emite através de suas ações [Goffman, 1989].

## 4.2

### Segundo Ato: no mundo da música.

*“Eu era o teórico, ele era o prático, que fazia discos para a massa, tudo na base de Jerry Adriani, Leno e Lílian etc. Então, à medida que eu me interessava pelo potencial comercial de Raul, isto é, pela forma que ele usava para lidar com o público, senti que poderia haver um entrosamento perfeito.”*  
(Paulo Coelho, 1976)

Raul Seixas inscreveu, em 1972, no VII Festival Internacional da Canção da Rede Globo, duas de suas músicas: *“Let Me Sing, Let Me Sing”* e *“Eu sou eu, Nicuri é o Diabo”*. Raul, que até então era mais forte como produtor, torna-se um cantor e compositor conhecido.

As duas únicas publicações da revista *2001*, editadas por Paulo Coelho, chamaram a atenção de Raul Seixas. Raul leu uma matéria sobre discos voadores em tal revista e decidiu conhecer o editor da mesma. Até então, Raul era um executivo de CBS, sério, vestido com um terno e vivendo confortavelmente à maneira da classe média.

A partir de então, é formada a parceria, começando pelo primeiro disco solo de Raul, *Krig-há, Bandolo!* cujo título refere-se ao grito de guerra de Tarzan, que quer dizer: *“cuidado, aí vem o inimigo”*, lançado em julho de 1973. A grande marca de tal parceria era a presença de referências místicas e esotéricas, além de uma pitada de humor e ironia nas letras. É neste LP que podemos encontrar alguns dos mais famosos hinos seixistas como *“Metamorfose Ambulante”*, *“Mosca na sopa”* e *“Ouro de tolo”*. Sendo esta última um hino que retrata, com ironia, a classe média e critica a imobilidade e o conformismo daqueles que pensam ter realizado tudo o que podiam.

*“Eu devia estar contente  
Por ter conseguido tudo o que eu quis  
Mas confesso abestalhado  
Que eu estou decepcionado*

*Porque foi tão fácil conseguir  
E agora eu me pergunto: e daí?  
Eu tenho uma porção de coisas grandes  
Pra conquistar, e eu não posso ficar aí parado”*

Paulo Coelho era o “cabeça” por trás da forte imagem de Raul Seixas. Claro que os dois compunham juntos, em meio a várias brigas, mas era Raulzito quem usava sua imagem, atrelada às letras das músicas, para atrair os fãs. Na capa do primeiro disco desta parceria, lá está o magrinho Raul sem camisa, de olhos fechados e com uma chave estampada na palma da mão direita, a chave do entendimento e da compreensão e, no caso do LP, o entendimento estava em ouvir o disco e ler o *Manifesto de Krig-há*, uma espécie de revista em quadrinhos com conteúdo místico e, porque não dizer, revolucionário, distribuído nos shows.

“Cada homem tem seu caminho e sua forma de agir. A nossa foi Krig-há. Destruiremos, sem compromisso algum, as crenças e opiniões arraigadas durante séculos de cultura. Somos mais parecidos com bárbaros que com Robespierre. Aprendemos a ler no Grande Livro os segredos da chuva e das pedras. Krig-ah é apenas o estágio do momento.”  
(Manifesto de Krig-há)

Neste gibi, ilustrado por Adalgisa Rios (esposa de Paulo, na época), era a imagem de Raul Seixas que estava lá desenhada, como um hindu, cercado de símbolos astrológicos e místicos, com um balãozinho no qual havia os seguintes dizeres: “*Eu sou astrólogo e conheço a história do princípio ao fim.*”

Dedicando-se com afinco aos estudos esotéricos, Paulo Coelho e Raul Seixas entraram de cabeça nas idéias do mago inglês Aliester Crowley. Baseada nas idéias deste mago, a Argentum Astrum, AA, era uma organização filosófica anti-religiosa e repleta de rituais. Não foi a toa que este bruxo entrou na moda durante os anos 70, pois pregava uma nova ordem social, na qual cada homem era seu próprio deus. Sua obra principal chamava-se *O livro da lei* e algumas músicas de Raul e Paulo copiavam o texto do bruxo, como é o caso de “Sociedade Alternativa”, música presente no LP *Gita*:

*“Faz o que tu queres há de ser  
Tudo da lei, da lei  
Todo homem, toda mulher  
É uma estrela  
Viva, viva, viva a sociedade alternativa  
Viva, viva, viva a sociedade alternativa  
O número 666 chama-se Aleister Crowley”*

A dupla realmente acreditava na idéia de criar uma Sociedade Alternativa, na qual as leis de Crowley seriam seguidas. Imaginem, em plena ditadura, a

defesa de uma sociedade livre, em que cada um faz sua lei. Foi nesta época que, no dia seguinte a um show em Brasília, no qual Coelho defendeu as mudanças da sociedade, que Paulo e Raul foram convocados a se apresentar à polícia. Coelho, visto como o cérebro de tudo, foi preso e torturado. Na verdade, Paulo foi preso por três vezes. A primeira foi por uma semana e anterior à parceria com Raul; a segunda foi aquela após o show de Brasília e a terceira foi logo depois da saída da prisão. Nesta última, sim, Coelho sofreu as piores torturas e, por isso, prefere não falar sobre o assunto, pois classifica aquela semana de torturas como uma das experiências mais duras e humilhantes de sua vida. [Arias, 2001]. Hoje, entretanto, Paulo Coelho vê esta experiência de prisão como uma maneira de crescimento, bem como a experiência nos manicômios.

A parceria de Raul Seixas e Paulo Coelho mudaria a imagem do primeiro. Antes visto como um roqueiro influenciado por seu ídolo Elvis Presley, Raul passou a ser uma espécie de Profeta Apocalíptico, transformando-se quase em um guru. A capa do álbum *Gita*, no qual o cantor aparece com o dedo em riste, ilustra bem esta faceta de profeta, afinal não havia nada que aquela dupla não soubesse demais.

O livro hindu *Bhagavad-Gita*, lido pela dupla, quer dizer Canto do Senhor ou Canto Divino, que assim é chamado por conter as palavras de Krishna, a divindade encarnada, e é deste livro a origem do título do LP seguinte. *Bhagavad-Gita* ensina o homem a elevar-se acima da consciência humana, até uma consciência divina superior, realizando desta forma na Terra o reinado dos céus. *Gita*, portanto, significa canto, o canto mais antigo da humanidade capaz de despertar uma transformação de princípios e valores, voltando-se para o poder que existe dentro de cada um. Esta idéia de resgatar valores hindus e uni-los às idéias de Crowley fez bastante sucesso, afinal, o disco vendeu 600 mil cópias, recebendo, assim, o Disco de Ouro.

O sucesso da dupla era tanto que os dois compuseram a trilha sonora da novela *O rebu*, da Rede Globo, com interpretações de vários artistas da época e hits como “*Como vovó já dizia*”. Tal sucesso, porém, não se repetiu no LP seguinte, *Novo Aeon* foi um fracasso e só vendeu 60 mil exemplares, apesar de conter grandes sucessos da dupla como “*Tente Outra Vez*”, “*Tu És o MDC Da Minha Vida*” e “*A Maçã*”.

Raul Seixas sabia da importância da imagem para passar a mensagem certa para o público. A capa de *Há 10 mil anos atrás* traz Raul vestido de um velho profeta de barbas e cabelos longos e brancos e com as mãos estendidas, uma imagem ligada à música que dá título ao LP, na qual a imagem de messias cósmico da contracultura era, mais uma vez, reforçada. Aqueles que utilizavam a linguagem do rock faziam crítica à careta de um ponto de vista contracultural, unindo música, letra e performance. “*Ouro de tolo*” criticava fortemente esta atitude careta da classe média e as principais canções da dupla bebem cada vez mais em águas do misticismo oriental. Porém, não caímos na armadilha de pensar que Paulo Coelho e Raul Seixas mantiveram-se distantes de tudo o que acontecia no cenário cultural brasileiro, presos em seus mundos místicos. Em uma das músicas do LP *Há 10 mil anos*, há uma divertida crítica às canções de protesto em “*Eu também vou reclamar*”, como se Paulo e Raul estivessem saturados de tantas canções sobre o mesmo tema. A dupla critica a forma de protesto pessimista, que apenas reclama do que acontece e tal crítica é feita através do uso de expressões usadas em conhecidas músicas de protesto.

*“Mas agora eu também resolvi  
Dar uma queixadinha  
Porque eu sou um rapaz latino-americano  
Que também sabe se lamentar  
E sendo nuvem passageira  
Não me leve nem à beira  
Disso que eu quero chegar  
E fim de papo.”*

A comunicação direta com o público feita através da imagem de Raul Seixas e das composições deste com Coelho fez com que o primeiro se tornasse um mito cultuado até hoje, a sua capacidade criativa e comunicativa de falar com as massas perdurou durante todos estes anos. Raul, entretanto, não se considerava um místico, afirmava que Coelho sim era místico, enquanto ele, Raul, via-se como um cético desejoso de abrir as verdades individuais. Enquanto Paulo vinha com o conteúdo, Raul trazia a objetividade para as músicas da dupla. Foi esta objetividade de Raulzito que fez com que Coelho enxergasse a importância da vontade do público na concepção de um trabalho artístico, a arte, portanto, tinha a necessidade de tornar-se acessível ao maior número possível de pessoas.

*“Uma canção é uma canção, como um sapato é um sapato. E pode ser comprada, exatamente como o sapato, no supermercado da esquina. O sapato serve para calçar o consumidor. A canção, para alimentar a sua necessidade de sonho, de beleza. No fundo, o sapato e a canção têm o mesmo valor para o homem, só que atendem a duas necessidades diferentes.”* (Raul Seixas, 1976)

A relação desta dobradinha sempre foi tumultuada. Os dois se definiam como inimigos íntimos, pois, muito mais do que sentar para trabalhar, eles brigavam em demasia e a partir destas brigas compunham suas músicas. Aqui está uma imagem romântica e mitificada do processo de composição, como uma luta entre as duas cabeças pensantes. Seria bem menos interessante se esta dupla tão polêmica e com letras tão intensas sentasse calmamente e escrevesse suas músicas de maneira que o ato de composição se igualasse a um trabalho qualquer. Uma canção pode ser como um sapato, mas a construção de ambos é bastante diferente, embora o objetivo maior, ou seja, a venda do produto, seja a mesma nos dois casos. Logo, a música, como forma de arte, também se insere na indústria cultural e torna-se mais um produto rentável.

A conturbada relação entre Paulo e Raul rendeu 60 parcerias musicais e diversos sucessos, mas este seria apenas o início da incursão de Paulo Coelho na indústria musical. No final dos anos 70, Coelho foi o grande responsável pela confecção da imagem de Sidney Magal, criando uma estratégia de mercado para aumentar as vendas dos discos do cantor, estratégia esta focada na imagem de Magal. Em uma entrevista concedida em 1978, Coelho afirma que a imagem de Magal era dúbia, pois, enquanto os maridos o taxavam como homossexual, as esposas se apaixonavam pela imagem de amante latino, assim sendo, os homens não se importavam que suas mulheres comprassem seus discos, ou seja, a imagem de Sidney Magal, construída por Paulo Coelho, foi essencial para o sucesso comercial do cantor. Este conhecimento na fabricação de um ídolo não era novidade para Coelho, afinal, ele era um poderoso na indústria do disco no Brasil, que havia sido produtor e supervisor de elenco da gravadora Polygram e gerente geral da CBS. Raul Seixas ensinou muito mais do que magia e filosofia a Paulo Coelho, ensinou a importância da construção exata de uma imagem que supra as necessidades do público e supere suas expectativas, uma imagem que venda.

No final dos anos setenta Coelho exerceu a função de crítico musical. Até 1983, Paulo Coelho já havia sido premiado no teatro, editado a revista *2001*, criado a Sociedade Alternativa e composto músicas para Raul Seixas, Rita Lee,

Elis Regina, Sidney Magal, além de ter empresariado a cantora estreante Neuzinha Brizola e escrever programas de shows para a TV Globo e possuir diversas reportagens publicadas em jornais e revistas internacionais.

Mas o próximo passo seria o começo das transformações de Paulo Coelho colocando-o frente a frente com o público e tornando-o um dos homens mais influentes do mundo.

### 4.3

#### Terceiro ato: o mago

*“Mas não há outra definição para mim: sou um mago”*  
(Paulo Coelho, 1988)

Antes de ser conhecido como o “Mago de Copacabana”, Paulo Coelho era chamado de “Vampirólogo Brasileiro”, pois viajou para a Inglaterra, em 1977, com o intuito de fazer um curso sobre vampiros e, já no Brasil, deu palestras e cursos sobre o assunto. Foi deste hobby levado a sério que surgiu o livro *Manual Prático de Vampirismo* (1986), escrito com Néelson Liano Jr. Neste livro, Coelho e Liano contam como evocar vampiros e como afastá-los, além de algumas curiosidades sobre o tema. Porém, tal livro, anos mais tarde, foi retirado das prateleiras, pois Paulo Coelho o considerava mal escrito.

*“Porque o Manual Prático do Vampirismo está ligado a uma fase de minha vida que eu estava muito pirado e fui buscar no vampiro um arquétipo disto. O vampiro é um tema muito interessante, mas o livro muito mal escrito.”* (Paulo Coelho, 1988)

Opção feita: mago e não vampirólogo.

A prisão ocorrida nos anos 70 fez com que Paulo Coelho decidisse se afastar de tudo, inclusive da magia. Após um período de reclusão em Londres, em uma frustrada tentativa de escrever um romance, o escritor volta ao Brasil para trabalhar num cargo executivo em uma gravadora.

Após um divórcio, casa-se com Christina Oiticica, sua atual mulher. É na lua de mel do casal que se inicia a magia na vida de Paulo Coelho. Em uma viagem à Europa, Coelho encontrou com seu mestre, que apareceu em corpo astral, e mandou que o futuro mago fizesse uma viagem até Amsterdã. Dois meses depois, mesmo com a fé abalada, Paulo seguiu as ordens do mestre e o encontrou, agora em corpo físico, na Holanda e de 1982 até 1986 Coelho foi treinado. Este homem sugere um reencontro de Paulo com o catolicismo e que encontre o lado bom da magia, através de uma tradição ligada à ordem medieval chamada RAM (Rigor, Amor e Misericórdia; Regnum, Agnus e Mundi). O homem misterioso se torna mestre de Paulo Coelho e o manda fazer o famoso Caminho de Santiago

para que sua verdade interior seja encontrada, é justamente esta experiência que narrada em *Diário de um Mago*.

Neste episódio encontramos dois fatores importantes em seu passado: o catolicismo, que outrora fora visto como uma obrigação e a magia, que esteve ligada a práticas pouco convencionais, através do bruxo inglês Crowley, conhecido como a Besta. É a situação perfeita para a redenção, para transformação da imagem de uma pessoa que pregava palavras de um bruxo ligado à magia negra, para um mago, que segue o lado bom da magia.

“O herói tem a mesma invencibilidade do sol, que entra e sai das sombras sem que nada possa alterar o poder de seu brilho. Tal é a solaridade de que falamos: o herói (sol) opõe-se ao universo das trevas.”<sup>3</sup>

Era preciso, entretanto, chamar a atenção da mídia e foi justamente em uma entrevista concedida ao Jornal O Globo, em 1987, que atraiu a curiosidade dos jornalistas e leitores. A repórter Regina Guerra foi até a casa de Paulo Coelho, em Copacabana, uma semana após o lançamento de *O Diário de um Mago*, e lá presenciou um curioso e mágico acontecimento: o mago fez ventar. Além disso, Coelho deu declarações que caracterizavam o tipo de impressão que ele desejava transmitir naquele momento.

“Ele diz que sabe chamar o vento, e, se quiser, faz chover também. Uma vez, convocou um disco voador. Participa de cerimônias secretas, materializa objetos e até pessoas, comunica-se telepaticamente. Para tanto não segue dietas exóticas nem usa chapéu pontudo (...) O modo de vestir e os hábitos de vida e consumo são os típicos da classe média alta que produz e consome cultura na Zona Sul do Rio.”

Pronto. Foi o suficiente para que reportagens e entrevistas com o mago moderno pipocassem em jornais e revistas de todos os tipos. Chamados por uns de “Castañeda de Copacabana”, alusão ao antropólogo americano Carlos Castañeda, que escrevera best-sellers sobre experiências místicas vividas ao lado de um índio no México similares àquelas narradas por Coelho ao lado de seu mestre; chamado por outros de “O Mago de Copacabana”, Paulo Coelho passou a dar palestras sobre temas místicos e esotéricos, além de contar as experiências retratadas em seu livro. A viagem pelo Caminho de Santiago não rendeu apenas um livro e

---

<sup>3</sup> SODRÉ, Muniz. Best Seller: A literatura de mercado.

algumas palestras, mas virou uma febre entre aqueles que buscavam caminhos místicos. Paulo Coelho e a astróloga Claudia Castello Branco organizaram uma excursão para Egito, Israel, França e Espanha, denominada “Os Três Caminhos Sagrados”. As viagens eram feitas em confortáveis ônibus, com paradas estratégicas para prática de magia. Mas atenção, tais práticas eram sempre feitas sob a orientação do mago Paulo Coelho.

O lançamento de *Diário de um Mago* não teve muito alarde, o sucesso do livro foi construído através do boca a boca. Publicado pela editora Eco, em 1987, o primeiro livro de Coelho vendeu cerca de 9 mil exemplares e foi nesta mesma editora que *O Alquimista* foi publicado. Até 1988 os dois primeiros livros de Coelho já haviam vendido, juntos, 23 mil exemplares nesta pequena editora. Dispensado da Eco, com a justificativa de que dava prejuízos, Paulo foi atrás de uma grande editora, a Rocco. O encontro de Paulo Coelho com Paulo Rocco rendeu tão bons e lucrativos frutos que o segundo classifica tal encontro como magia. Rocco trouxe a visão de mercado e a sabedoria comercial para o mago, os dois Paulos, então, começaram a utilizar importantes ferramentas do marketing para que os livros atingissem números altíssimos de vendas. Mago pode ganhar dinheiro? Paulo Coelho afirmava que sim.

*“Não há nenhum mal em você ser um mago, ser bem-sucedido. É uma coisa que metade do mundo inveja e a outra metade classifica como loucura. Quem pratica magia, merece a sua recompensa.”* (Paulo Coelho, 1987)

Saído da indústria da música e conhecendo a importância da imagem na construção de um artista, Coelho não deixava de lado o figurino, afinal, sendo um mago é preciso vestir roupas compatíveis com esta ideia de magia, roupas que fossem condizentes com suas ações mágicas de fazer chover ou ventar. Voltemos, então, à questão do carisma. É preciso que os discípulos dos indivíduos carismáticos acreditem que este seja dotado de atributos especiais, extraordinários. Independente de críticas ou rótulos, Paulo Coelho construiu um forte carisma a partir de seu primeiro grande sucesso editorial. E mais do que um autor, escondido por trás das letras, ele fez-se presente e começou a construir sua imagem pública.

A importância das diversas entrevistas concebidas por Coelho no início de sua carreira está no fato da necessidade de a ilusão do pop star ser escrita e divulgada por aqueles que detêm a informação “real” e carregam o carimbo da

“verdade”. Mas para atrair a atenção da imprensa é preciso ter algo de diferente, de extravagante, pois para despertar comentários ser comum não é o suficiente. O corpo, portanto, torna-se tão importante quanto a fala. O vestuário coloca-se no mesmo patamar do que aquilo que é dito, pois o próprio corpo transforma-se em enunciado e transmite a mensagem desejada. Assim, a moda é um artifício do espetáculo, afinal, não se pode controlar o público, mas a própria imagem pode ser controlada de acordo com as impressões que o ator deseja transmitir a seus espectadores. Paulo Coelho aparece em fotos com sua espada mágica em punho, uma espada japonesa do século XVIII, conquistada no Caminho de Santiago e que simboliza o poder; somada a uma capa preta davam autenticidade à imagem de mago.

*“Ela é um objeto simbólico se a entendermos como um dos quatro grandes códigos, feito a taça o bastão e as moedas. Mas também tem uma função prática dentro dos rituais de magia. Agora, se um dia entrar um assaltante lá em casa, eu posso usar a espada para cortar a cabeça dele. Ela é uma espada japonesa do século XVIII e é chamada de “corta joelho”, pois é tão afiada que, ao se cortar a cabeça de uma pessoa sentada sobre seus calcanhares, cortava-se também os seus joelhos.” (Paulo Coelho, 1989)*

Entretanto, era preciso aproximar-se dos leitores, do público. Era preciso um pé na magia e outro na realidade, para que a imagem de Paulo Coelho, além de extraordinária, fosse comum. Afinal, o autor pregava que qualquer um poderia ser um mago, logo, um mago também poderia ser uma pessoa como qualquer outra, para assim, tornar-se familiar a seus seguidores. É preciso, portanto, que esta combinação entre o comum e o extraordinário seja bem balanceada e calculada de modo que não haja exageros nem equívocos quanto à impressão transmitida. A função prática da espada descrita por Coelho aproxima este objeto mágico da vida cotidiana de seus leitores, mas não subtrai a magia da espada e muito menos sua força, que pode ser tanto mágica quanto prática.

O mesmo acontece com o vestuário do escritor. Se em algumas entrevistas ele surge com o figurino apropriado de um mago, em outras suas roupas são as mais comuns possíveis: calça jeans e camiseta (na maioria das vezes branca). Precisamos, todavia, nos ater ao fato de que estas aparições com um vestuário mais próximo do usual começaram a ser mais recorrentes, apesar de já terem acontecido antes, após a imagem de Coelho como mago já estar construída, ou seja, foi preciso que a imagem do mago fosse consolidada para que a imagem do

homem comum viesse à tona. Em uma das tantas reportagens publicadas sobre Paulo Coelho, há uma, em uma revista tipicamente adolescente, na qual o mago é descrito como *“um amigo do seu pai, que você encontra numa festa e diz que a pegou no colo quando você era pequena.”*<sup>4</sup> A familiaridade entre leitores e escritor, neste caso, só aumenta à medida que aquilo que é mágico torna-se normal.

Não podemos nos esquecer do cenário do espetáculo, afinal, é preciso um lugar adequado para que o indivíduo faça sua representação. O lugar de Paulo Coelho era sua própria casa, um apartamento em Copacabana. Nada de espaços recheados com objetos místicos, ao entrar no cenário de Paulo Coelho, entra-se na casa do homem comum, de calças jeans, e não na casa do mago de capa preta e espada em riste.

“O mago Paulo Coelho mora num apartamento térreo no coração de Copacabana. Pouca coisa ali denuncia a presença do bruxo. A espada mágica e outros símbolos místicos poderiam passar despercebidos. O apartamento é simples, como simples são os gostos e os hábitos de Paulo Coelho. A grande estrela de modernidade da casa é um sofisticado computador, onde o bruxo escreve seus livros e desafia a máquina em repetidas partidas de xadrez, enquanto pedala durante hora e meia sua bicicleta ergométrica. Afinal, para manter o corpo em forma e exorcizar a barriguinha quando se chega aos 44 anos, o exercício físico ainda é a melhor magia.”<sup>5</sup>

Vale a pena nos atermos a esta entrevista, concedida em 1990 ao jornalista Janir Hollanda, para que analisemos as impressões dadas por Coelho. Em primeiro lugar, a capa da reportagem nos traz uma foto, no mínimo, inusitada para um mago, pois Paulo Coelho está sentado, de bermudas, em sua bicicleta ergométrica. Mais uma vez, a imagem do homem comum se faz presente e se distancia daquela da magia. Durante a entrevista, questionado sobre a curiosidade que seus leitores têm sobre o homem Paulo Coelho, a separação entre figura pública e particular fica clara e é similar à distinção entre o mago e o homem.

*“Se eles têm esta curiosidade, aqui vai a resposta. Tenho as qualidades e os defeitos de qualquer outro homem. Esperem de mim grandes coisas e coisas mesquinhas, pois sou um ser humano igual a todos. Mas o mago Paulo Coelho, esse é o bom. Ele é um cara que tem sua espada muito bem colocada. Ele sabe usá-la.”*

---

<sup>4</sup> LEÃO, Rodrigo. Revista Capricho, setembro de 1992.

<sup>5</sup> HOLLANDA, Janir, 1990.

Um dos “ensinamentos” do livro *O Alquimista* é a lenda pessoal, que seria aquilo que a pessoa sempre desejou fazer, um sonho que às vezes se perde na realidade da vida, mas que sempre deve ser buscado, pois está no destino de cada um, a lenda pessoal seria uma espécie de missão. Perguntado por Janir Hollanda se sua lenda pessoal seria ser escritor, Paulo Coelho deu a seguinte resposta:

*“Não, minha lenda pessoal é ser mago, cumprir minha missão como mago. É crescer espiritualmente.”*

Mais importante do que ser escritor, portanto, era ser mago, pelo menos naquele momento da vida de Paulo Coelho era a imagem de mago mais importante do que a imagem de escritor. Até no ato de escrever a magia está contida, pois é preciso que apareça um sinal, uma pena, para que Coelho começasse a escrever seus livros. Achada a pena, como em um passe de mágica, o livro flui naturalmente.

**“- Em quanto tempo você escreve um livro?”**

*- Não muito. O Alquimista eu escrevi em dez dias. O Diário de um Mago em trinta e Brida, 45. Quando surge o sinal, o livro vem completo. A pena não indica apenas o dia favorável para começar o trabalho. Aí, eu leio o livro e digo: fui eu que escrevi isso?”*

A obra de Coelho foi muito criticada e classificada como uma sublitteratura, no sentido de inferioridade. Muitos críticos atacaram a forma simples e direta dos romances do mago, mas a justificativa de Coelho para esta forma de escrita não se afastava de justificativas místicas. Afinal, para ele *“a simplicidade é a chave do universo. O universo é simples.”*<sup>6</sup> Outra justificativa mística está presente nas respostas às ferrenhas críticas aos erros gramaticais presentes nos livros de Paulo Coelho. A magia, portanto, justificava quase tudo.

*“O Paulo Rocco fica louco comigo, mas faço questão que meus livros não tenham a menor alteração desde a primeira edição, seja qual for o erro gramatical. É que meus livros têm duas leituras: a normal e a leitura mágica, na qual existem vários códigos. Não sou eu quem está inventando isso: sempre foi feito assim pelos alquimistas. Na leitura de ordem mágica, iniciáticas, esses erros não são erros. É claro que eu pago um preço alto por isso, pois todos me gozam, me criticam por essa teimosia. Tenho medo que depois da minha morte alguém decida lançar edições de meus livros sem os tais erros que não são erros. Isso significa destruir minha obra.”* (Paulo Coelho, 1991).

---

<sup>6</sup> Jornal Folha de Londrina, 11/09/1988.

Parece-nos, entretanto, que, ao longo dos anos, a leitura normal tornou-se mais importante do que a leitura mágica. Mas isto é assunto para o próximo ato do nosso espetáculo, concentremo-nos no mago.

As imagens projetadas nos meios de comunicação foram essenciais para a divulgação de Paulo Coelho como um mago. Sua aparição surgiu em um momento em que o esoterismo e o misticismo começaram a ganhar força na sociedade. Naquele momento, final dos anos 80, objetos esotéricos multiplicavam-se nas prateleiras, inclusive os livros sobre o assunto. Paulo Coelho soube, através de sua imagem e de seus atos, unir o místico com o habitual. Isto era necessário, pois, quando Coelho afirma que qualquer um pode ser um mago, ele afirma que qualquer um pode praticar os rituais descritos em *O Diário de um Mago*, ou seja, mais livros vendidos, um vento de otimismo sopra a favor de seus leitores e eles enxergam no escritor aquilo que seus livros pregam: perseguir os sonhos, não desistir das metas e mudar o mundo a partir de cada um. A imagem do homem comum, somada à imagem mágica cria a ilusão de que todos podem se transformar no “Mago de Copacabana” ou naquilo que desejarem ser, afinal, Paulo Coelho conseguiu e quando você deseja algo o universo inteiro conspira a seu favor. A descrição feita pela jornalista Malu Lopes da Revista Manchete, em fevereiro de 1990, sintetiza a imagem aparentemente contraditória, mas eficiente, de Paulo Coelho naquela época.

“Paulo Coelho mantém também a parte exótica de sua personalidade. Ela está no gosto pelo tarô (possui uma coleção de baralhos), na criação de mariposas vivas, que cultivou no jardim de inverno de seu apartamento, até que os gatos a descobriram, e na capa preta de Ted Lapidus, que só usa em ocasiões especiais. Para contrabalançar, afirma que gosta de cuidar das plantas, andar na praia, prefere o perfume Alphazema e não dispensa uma conversa com Deus, pelo menos 10 minutos por dia. Supersticioso, sempre levanta com o pé direito, que nunca está no chão ao toque da meia-noite; sai sempre pela porta que entrou; e nunca trabalha nas horas fechadas.

No entanto, define-se como um mago contemporâneo, afinado como o conforto do século 20: controla pelo telefone sem fio as vendagens histriônicas de seus livros, assim como as aplicações financeiras; dispõe de secretária eletrônica para os recados; coleciona fitas de vídeo e utiliza um microcomputador para escrever seu novo livro. Paulo Coelho parece interessado apenas em passar o ensinamento de *O Alquimista*. No livro, o pastor de ovelhas, depois de muita persistência, encontra a fortuna que vira num de seus sonhos.”

Não podemos nos esquecer do passado do mago. Afinal, quando apareceu na mídia como escritor, seu nome ainda aparecia ligado ao de Raul Seixas. Seu passado foi necessário para dar força ao presente, para justificar que aquele tal de

Paulo Coelho não havia surgido do nada, pois possuía uma vasta e importante participação na música brasileira. O mago afirma que foi com Raul Seixas que aprendeu a linguagem simples e sintética, que atinge o público.

*“A música me ensinou a linguagem popular, ninguém se dá bem no mercado musical empreendendo viagens do ego porquê é um mercado de milhões de dólares. (...) A música me educou para a importância da linguagem clara na transmissão das idéias e despertou minha percepção para a amplitude do seu campo de ação.”* (Paulo Coelho, 1989)

Coelho não nega suas experiências com drogas, mas as transforma, como agora faz com as internações da adolescência, em ensinamentos. Aliás, nada é falado, neste momento da vida de Paulo Coelho, sobre as tais internações, afinal, com a carreira de escritor sendo iniciada como um mago, provavelmente seria um prato cheio para os críticos se soubessem de suas passagens por manicômios. As experiências com o bruxo Aleister Crowley e sua magia negra poderiam prejudicar a imagem de um mago do bem, mas as experiências vividas com a magia de Crowley são descritas como algo negativo e perigoso, inclusive Paulo confessa que usava seus pobres alunos do curso de teatro para experimentações de magia.

O mago se torna católico, ou seja, tudo aquilo contra o qual havia lutado em sua adolescência agora se transforma em sua fé. Alguns acusam de oportunista a idéia de Coelho se classificar como católico, pois é esta a religião que possui mais fiéis no Brasil. Não julguemos, entretanto, a fé do mago. Mas pode um mago, com direito a discípulos e mestre, ser católico?

*“Eu sou cristão praticante. Os três reis eram magos e foram lá dar presentes ao Cristo. A magia é uma ferramenta. (...) Eu sou católico praticante. Claro que eu aceito disciplinadamente as coisas que a Igreja coloca, embora nem sempre concorde com tudo.”* (Paulo Coelho, 1994)

Em 1994, Paulo Coelho, graças à iniciativa da editora Anne Carrière, publicou o livro *O Alquimista* na França, mas havia um pequeno problema, pois Coelho não falava francês, ou seja, seria bastante complicado realizar uma turnê de divulgação de seu romance no país. O mago, entretanto, não desistiu. Voltou ao Brasil e fez aulas intensivas de francês e, três meses depois, estava na França dando entrevistas e conferências em 21 cidades do país. O objetivo de ser

conhecido no mundo inteiro, portanto, não é de agora. Coelho já sonhava em ampliar suas fronteiras.

Foi preciso um grande número de citações para que entendêssemos a representação de Paulo Coelho neste momento de sua vida. As falas do mago e suas roupas, facilmente descritas, foram essenciais para que a impressão desejada fosse transmitida à sua platéia, ou seja, não custa repetir a importância dos meios midiáticos na fabricação e transmissão dos valores do ídolo. Infelizmente, só contamos, neste trabalho, com a ajuda da mídia escrita, mas parece ser o suficiente para entendermos e analisarmos as intenções de Coelho na época.

Como dito anteriormente, o carisma transforma-se em uma espécie de pano de fundo deste trabalho. Sim, é bem verdade que Coelho utilizou todos os meios necessários para criar sua imagem de mago, mas será que isto seria o suficiente para transformá-lo em uma celebridade? Será que não existe algo de inexplicável em tudo isto? Vestir-se de mago, com uma espada em riste e uma capa preta, é o suficiente para atrair milhares de seguidores? Talvez o carisma não seja algo 100% inexplicável, existe uma parte que podemos explicar, demonstrar os fatores que o compõe. Mas será que se qualquer outra pessoa tivesse seguido os mesmos passos de Coelho, feito exatamente as mesmas escolhas, teria alcançado tamanho sucesso?

As transformações de Paulo Coelho não pararam por aqui. No próximo ato, veremos as mudanças em sua representação de si mesmo.

#### 4.4

##### Quarto ato: o escritor.

*“Sou antes de tudo um escritor. O mago, porém, sempre estará presente. A espada que recebo, simbolicamente, no ritual da posse, será a mesma que do Diário de um Mago. O livro trata da busca desta espada. Será exatamente a mesma. Esta é uma coisa muito simbólica para mim. Me sinto honrado em conquistar a espada pela segunda vez.”*  
(Paulo Coelho, 2002)

Difícil definir o momento exato das transformações ocorridas na imagem de Paulo Coelho. O comportamento do escritor foi mudando aos poucos e sempre, claro, através da mídia tais mudanças tornaram-se públicas.

No começo de 1996, Paulo Coelho aparece na mídia com um novo visual: cabeça raspada com um rabinho de cavalo no estilo indiano. Alguma explicação mística para tal transformação? Não, Coelho afirmou na época que era esta uma vontade antiga e que finalmente tomara coragem para raspar a cabeleira e que se sentiu muito orgulhoso de sua resolução. Até um simples corte de cabelo pode originar lições de vida. Parece supérfluo nos prendermos em um detalhe aparentemente fútil, mas a nova imagem do escritor causou alvoroço na imprensa, ofuscando a exposição de quadros de sua mulher, a artista plástica Christina Oiticica. As transformações, porém, não param por aí. As roupas do escritor também foram modificadas. Se antes Coelho vestia calças jeans e camisa, agora usa roupas pretas, Armani, sempre muito elegantes. Capa e espada? Este figurino tornou-se obsoleto no armário do escritor. A imagem de mago, portanto, ficou no passado.

Além disso, a mudança da imagem de Coelho é acompanhada de uma mudança de atitude, afinal, a representação, para ser coerente, precisa que figurino e atitude funcionem como uma única engrenagem construtora da impressão desejada. Através da aparência, que nos revela o status social daquele que representa, somos informados sobre seu novo ciclo de vida. É preciso, entretanto, que haja uma compatibilidade entre aparência e maneira, ou seja, é preciso que aquilo que o ator aparenta seja compatível com seu comportamento.

Para que houvesse a compatibilidade necessária entre maneira e aparência, Paulo Coelho passou a citar mais autores e diminui a presença de temas místicos em suas entrevistas e até mesmo em seus livros.

“Em presença dos outros, o indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de tal modo que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir.”<sup>7</sup>

Com a carreira internacional em movimento ascendente, os negócios não estavam nada mal para o escritor em seu próprio país. No final dos anos noventa, mudou de editora. O contrato com a Editora Objetiva foi o maior contrato no mundo literário brasileiro, afinal o escritor recebeu um milhão de reais ao sair da Rocco.

“Ele já não se diz um mago, ele já não se mostra como um mago, ele talvez já não queira ser apenas um mago. Ele é, visível e certamente, um dos escritores mais lidos e mais bem pagos do mundo (...). Paulo Coelho parece querer ser tratado, antes de tudo, como um escritor – e não qualquer um: esse escritor, crescentemente notável, de dez milhões de livros vendidos e pelo menos o equivalente em dólares.”<sup>8</sup>

Cansado de responder perguntas do tipo “você faz chover?”, Coelho transforma-se em uma personalidade, uma celebridade conhecida no mundo inteiro. Seus livros aparecem em mãos de pessoas do calibre de Julia Roberts, Bill Clinton e Nelson Mandela. Viagens pelo mundo inteiro para a divulgação de seus livros tornam-se uma rotina na vida do escritor pop star.

*“(...) a vida de um escritor é muito solitária. Não é feito a de um pop star, embora eu seja um pop star, mas não há o contato direto que um cantor tem.”* (Paulo Coelho, 2000).

Mais um detalhe foi modificado na vida de Paulo Coelho: o método usado para escrever seus livros. Se antes o autor escrevia em pouco tempo um romance, de maneira quase mágica, agora o tempo é mais longo e menos frenético, embora a pena branca, como um sinal para iniciar a escritura, ainda permaneça importante.

---

<sup>7</sup> GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, p.36.

<sup>8</sup> CRELLI, Wagner. *Revista República*, 01/03/97.

*“Lei número um: não escreva em um período menor que dois anos, viva saia, encontre as pessoas, curta. Minha matéria-prima é a vida. A segunda coisa é: quando começar, não pare e a terceira, tão importante quanto as outras é não se isole.”* (Paulo Coelho, 2000)

Em 1998, Paulo Coelho concedeu uma longa entrevista ao jornalista e escritor espanhol Juan Arias, resultando no livro *Confissões de um Peregrino*. É através deste livro que tomamos conhecimento das internações sofridas pelo adolescente Paulo, afinal, até então pouco se falava sobre o assunto. Até que, no mesmo ano da entrevista com Arias, Coelho lançou o romance *Veronika Decide Morrer* que trata do tema da loucura, assim sendo, muitas entrevistas da época giraram em torno deste tema e Coelho, já um escritor estabelecido, pôde contar sua história.

*“Eu tinha prometido a mim mesmo nunca mais falar dessa dolorosa experiência enquanto meus pais fossem vivos. Faço isso agora porque minha mãe já morreu e meu pai é muito velho. Mas ele é lúcido e acompanhou todo o lançamento de meu romance mais recente, Veronika Decide Morrer. Acho que falar dessa minha história foi um alívio para ele.”* (Paulo Coelho, 1998)

As experiências na prisão também são relatadas a Arias, bem como a descoberta do bruxo Aliester Crowley. Coelho finalmente descreve a sinistra experiência, vivida um dia antes de ser preso, com a magia negra e o motivo de ter desistido de seguir os ensinamentos do bruxo inglês. Mas, antes que começasse a contar sua experiência com o Mal, o escritor pediu permissão para acender velas e apagar a luz elétrica. O jornalista Juan Arias descreve um Paulo Coelho tenso e preocupado em fazer revelações que nunca ousara antes.

*“Naquele dia, era muito cedo; comecei, como já disse, a ver tudo preto e tive a sensação de que ia morrer. Era um preto muito concreto, físico, visível. Não era a minha imaginação, era algo tangível. Minha primeira impressão foi a de que eu estava morrendo.”* (Idem)

O tom de confissão permeia toda a entrevista e esta acaba por se tornar uma espécie de autobiografia dirigida pelo jornalista, mas sempre controlada por Paulo Coelho, afinal, o escritor só fala aquilo que lhe interessa e de maneira que sua imagem seja vista de acordo com suas intenções. Falando sobre si, o escritor assume o papel de protagonista e de testemunha de sua própria vida. Ao contar suas aventuras e desventuras vividas, sabe que existirá um leitor e que este leitor

julgará aquilo que lhe é apresentado. Não há fotos em *Confissões de um Peregrino*, portanto, a impressão só é dada através daquilo que é dito por Coelho.

O desejo de ter seus livros distantes das prateleiras de esotéricos evidencia a vontade de distanciar-se do rótulo de mago e ficar mais próximo da imagem de um sábio escritor.

*“Arias: Em que parte da livraria você gostaria que colocassem seus livros?”*

*Coelho: Alguns na estante de literatura, outros na de Filosofia, mas não na de esoterismo. E digo isto sem pudor, sem vergonha, com orgulho.”*

O ponto culminante da transformação do mago em escritor foi quando sua capa preta foi substituída pelo fardão de Imortal e sua espada mágica pela espada dos membros da Academia Brasileira de Letras. A intenção de Paulo Coelho de entrar para a Academia surgiu, pelo menos publicamente, no lançamento de seu romance *O Demônio e a Srta. Prym*, em 2000, quando o escritor, para aproximar-se dos imortais, lançou seu livro na ABL.

*“Esses encontros com os acadêmicos vêm de algum tempo... Acho que a ABL é um lugar onde há a possibilidade de um diálogo interessante. E sugeri que meu livro fosse lançado lá e a idéia foi aceita. Apareceu a pergunta de eu queria ser candidato e disse: evidente que sim”* (Paulo Coelho, 2000).

Finalmente, em 28 de Outubro de 2002, Paulo Coelho ocupou a Cadeira 21 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo ao economista Roberto Campos. Em seu discurso de posse, o mais jovem acadêmico da História da ABL cita grandes trechos de *O Diário de um Mago*, mas não são os trechos que falam de magia e encontros com anjos e a Morte, Paulo Coelho cita os ensinamentos de vida contidos em seu primeiro livro, transferindo-os para a realização de seu grande sonho de tornar-se um imortal. Palavras antes escritas por um mago agora são proferidas por um escritor.

*“O Bom Combate é aquele que é travado em nome de nossos sonhos. Quando eles explodem dentro de nós com todo o seu vigor – na juventude – temos muita coragem, mas ainda não aprendemos a lutar. Depois de muito esforço, terminamos aprendendo, e então já não temos a mesma coragem. Por isso, nos voltamos contra nós, e nos transformamos em nosso pior inimigo. Dizemos que nossos sonhos eram infantis, difíceis de realizar, ou frutos de nosso desconhecimento das realidades da vida. Matamos nossos sonhos porque temos medo de combater o Bom Combate.”*

Nada, nem uma palavra é falada a respeito da magia, como se sua fase de mago, fase esta que o tornou um escritor de sucesso, não tivesse ao menos existido. Raul Seixas, entretanto, é citado uma vez, quando Paulo Coelho afirma que a música “*Metamorfose Ambulante*” é uma descrição da alegria presente nos corações dos guerreiros que lutam por seus sonhos. Música, aliás, que se encaixa perfeitamente na capacidade do mago metamorfosear-se em escritor.

Todos aqueles que ocuparam a Cadeira 21, chamada por Coelho de “Cadeira da Utopia”, são citados no discurso de posse do autor e descritos, apesar das diferentes escolhas partidárias, como guerreiros que lutaram por um sonho e acreditaram na mudança do país. Mais do que lembrar os acadêmicos que o antecederam, Paulo Coelho lembra a importância que a Academia Brasileira de Letras exerce em sua vida desde a adolescência e que aquele sonho finalmente foi conquistado, pois o escritor nunca desistira de suas crenças nem de combater seu Bom Combate, ou seja, ele se mostra como um guerreiro, como alguém que conquistou o que estava em seu destino, isto é, ser escritor.

“Vez por outra me lembrava de um episódio de minha adolescência. Com um grupo de amigos da Academia Brasileira de Letras do Colégio Santo Inácio – onde cursava o ginásio – vimos até aqui para assistir a uma palestra. (...) Não me lembro da palestra, nem do palestrante – mas a primeira impressão desse lugar jamais saiu de minha cabeça. Hoje, quase 40 anos depois, estou nesta tribuna, fazendo meu discurso de posse. O que era uma utopia adolescente virou – no início da década de 90 – uma verdadeira heresia. Mas, como acontece com algumas heresias, esta também se transformou em realidade. Lutei por esse sonho, confiei em meus amigos, combati o bom combate e mantive a fé. Aprendi com Jorge Amado, o maior escritor brasileiro do século XX, o insubstituível, o grande, o generoso, o digno Jorge Amado, que as utopias são possíveis.”

A vontade de ser visto como um escritor e não mais como um mago fez com que Paulo Coelho começasse a citar nomes de escritores consagrados em suas entrevistas, mostrando, assim, que possui conhecimento do assunto. Além de cada vez mais, frequentar ambientes literários.

Não podemos, entretanto, esquecer que Paulo Coelho não é apenas um escritor. Ele é um pop star. Brasileiro mais conhecido, mais lido e mais influente do mundo, Coelho não é um pop star apenas em terras tupiniquins, leitores do mundo inteiro o idolatram como uma celebridade. Em um mundo no qual as celebridades cada vez mais se envolvem em questões políticas e sociais, com Paulo Coelho não poderia ser diferente. O escritor é convidado assíduo do Fórum Econômico Mundial ao lado de roqueiros como Peter Gabriel e Bono Vox e

atrizes como Sharon Stone e Angelina Jolie. Além disso, colabora com a Anistia Internacional, como fez em 2005 ao escrever um texto que fora incluído em um livro beneficente. Já teve seu nome envolvido em fofocas extraconjugais, quando suspeitavam de um caso do escritor com a ex-Miss Universo Cecília Bolocco, mulher do ex-presidente argentino Carlos Menem. Um pop star que se preze há de possuir fãs enlouquecidos. O escritor não faz uma noite de autógrafos aberta a todos no Brasil desde 1996, quando quase provocou um colapso na Bienal do Livro de São Paulo. Certa vez, na Croácia, um fã, enfurecido com a interrupção da noite de autógrafos, puxou um revólver e Paulo Coelho, sob a mira da arma, assinou o livro.

Suas aparições, portanto, acontecem quando um novo livro é lançado pelo autor, afinal, seria um grande problema se sua imagem fosse constantemente exposta nos meios de comunicação, pois a saturação da imagem é um erro que acaba com qualquer pop star, não há carisma que sustente muita exposição. Em 2005, com o lançamento de *O Zahir*, os holofotes voltaram-se para Paulo Coelho. A imagem mais vista nas capas de jornais e nas revistas, na época do lançamento do romance, é a do escritor praticando arco e flecha. A imagem de tal esporte logo retoma a imagem dos grandes guerreiros e suas conquistas. Através do arco e flecha, nos passa a impressão de alguém forte e em equilíbrio, que busca um alvo e o atinge. Além disso, é a flecha um símbolo de ascensão, assim como as aves, outra imagem constante em suas mais recentes fotografias.

“Mas, sobretudo pela sua assimilação do raio, a flecha acrescenta os símbolos da pureza aos da luz, a retidão e a instantaneidade vão sempre de par com a iluminação.”<sup>9</sup>

O herói costuma associar-se a animais que de alguma maneira estejam relacionados ao sol, ou seja, animais que sejam o oposto das trevas. O animal é um objeto de uma assimilação simbólica, o que se destaca nos animais, portanto, não é sua animalidade, mas sim suas qualidades não animais, ou seja, aquilo que seu arquétipo representa. A águia presente nas fotos de Coelho simboliza este esquema ascensional que se contrapõe à queda, pois a asa e o vôo representam a vontade de transcendência, bem como o arco e a flecha.

---

<sup>9</sup> DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*, p.134.

O cuidado com a imagem é primordial para qualquer ídolo, por isso, em seu site oficial, as fotos de Paulo Coelho são cuidadosamente escolhidas. Há fotos de sua infância e adolescência, de sua época hippie e outras da atualidade. Nas primeiras, vemos uma criança sempre muito bem arrumada, com a família e em sua Primeira Comunhão. As fotografias de sua época hippie são escassas, com apenas duas fotos nas quais aparecem Raul Seixas. Já as chamadas fotos da atualidade são bastante numerosas, mas com um importante detalhe: nenhuma delas nos remete à sua época de mago. Há fotos em diversos lugares do mundo, outras tantas em que Paulo Coelho aparece ganhando prêmios, algumas imagens do escritor em seu computador, outras meditando, mas nenhuma fotografia que nos lembre da época em que o autor aparecia com sua espada. É interessante vermos a importância de tais escolhas na construção da imagem desejada. As fachadas, ou seja, o equipamento expressivo empregado, são selecionadas de acordo com a intenção do ator para criar determinado personagem.

A presença de fotos da infância nos mostra a importância da vida de um ídolo para aqueles que o admiram. Sabendo de tal importância, Paulo Coelho já está providenciando uma biografia escrita por Fernando Morais e que comemorará os 60 anos de vida do escritor. Obviamente, que encontraremos informações que reforcem a imagem desejada para a construção do carisma do escritor, ou seja, só leremos o que colaborar com a imagem desejada pelo autor de *O Alquimista*.

Nos dias de hoje, todavia, não é somente através de biografias impressas em papel que podemos conhecer a vida das celebridades. Além da Internet, há a televisão recheada de programas biográficos que, como toda biografia, se concentra na vida de uma pessoa conhecida. No caso do programa “*Paulo Coelho, o alquimista da palavra*”, do Canal People & Arts, sobre o qual nos debruçaremos, o escritor é o centro de toda a ação. Como quase todos os relatos biográficos, o documentário sobre Paulo Coelho nos mostra acontecimentos da vida do escritor através de uma seqüência cronológica para assim formar um todo coerente. Desta maneira, é criada uma narrativa estável, associando a vida do biografado a uma estrada que segue determinada direção. Afinal, narrar uma história que possua princípio, meio e fim bem delimitados é mais compreensível e, conseqüentemente, atraente para os telespectadores. Além disso, a televisão faz uso de efeitos visuais que aproximam a vida do biografado do espetáculo. Recursos cênicos são utilizados para dar a emoção exata que se deseja transmitir

em momentos determinados, mas, por outro lado, há uma espécie de acordo tácito entre telespectadores e aquele que (re)constrói a vida do biografado de que aquela narrativa biográfica é absoluta e inteiramente verdadeira, como se não existissem outras inúmeras formas de uma mesma história ser contada.

Bem como o livro *Confissões de Peregrino*, o documentário “*Paulo Coelho, o alquimista da palavra*” é baseado em uma entrevista com o próprio biografado tendo, assim como o primeiro, uma faceta autobiográfica. A diferença, porém, está na presença de imagens que ilustram e reconstituem os fatos vividos por Paulo Coelho. O escritor é mostrado como um cumpridor de seu destino, de sua missão ou, como o próprio gosta de falar, de sua lenda pessoal. A vida precisa ser heróica, ou melhor, precisa ser transmitida como heróica e para que isto aconteça é preciso que o biografado interprete a si mesmo como um herói e acredite em tal interpretação.

“O reconhecimento do povo, que leva o herói à glória, também fixa sua imagem mitificadora, diferenciando-o dos meros mortais. Talvez por isso, tantos políticos, artistas e outros habitantes (ou não) do espaço público contemporâneo tentem construir imagens de heróis em torno de suas vidas. Mas se não é possível estar em um enredo de Homero, talvez seja mais simples escrever a própria história, produzindo uma autobiografia. É claro que conceitos relacionados ao herói estarão presentes no discurso, afinal, se o indivíduo se dispôs a escrever a própria história, sua existência só pode ter sido excepcional.”<sup>10</sup>

Paulo Coelho não escreveu sua própria história, mas a contou de maneira que sua vida fosse vista como uma grande jornada heróica. Tal jornada começa, de acordo com o documentário exibido no canal People & Arts, quando o ainda menino Coelho descobre, dentro dos muros do Colégio Santo Inácio, o desejo de ser escritor. Outros acontecimentos da infância do escritor são narrados, sempre ilustrados com fotografias da época. Além disso, as imagens são reforçadas por depoimentos de familiares, como se estes fossem testemunhas e reafirmassem que aquilo que é contado no documentário é realmente verdade. Não estamos, contudo, afirmando que os acontecimentos narrados por Coelho não sejam reais, mas sim que tais acontecimentos são apresentados de maneira que seja criada a imagem desejada pelo escritor.

---

<sup>10</sup> PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*, p. 84.

Não é apenas a maneira que os acontecimentos são narrados, é também a escolha de tais acontecimentos que constrói a imagem desejada. O episódio que Coelho narra em *Confissões de Peregrino* sobre sua experiência com a magia negra não é mencionada no documentário, a justificativa para o seu afastamento das idéias que defendia na época, como a Sociedade Alternativa, é a prisão. Por falar naquela época, a fase vivida ao lado de Raul Seixas é contada, sempre focada na questão de Paulo Coelho ter sido o letrista de um movimento que, segundo o documentário, revolucionou a música brasileira.

A importância dada à questão da escrita permeia todo o programa sobre a vida de Coelho, como se fosse um sonho perseguido pelo escritor desde a infância e alcançado graças à sua persistência e seu talento, apesar de todas as dificuldades, afinal, se a realização de seu grande sonho tivesse sido fácil, sua história não teria o menor valor heróico. Quando Paulo Coelho afirma que seus livros refletem sua alma, ele ratifica a idéia de ser um exemplo vivo daquilo que escreve em seus livros, ou seja, um vencedor que segue sua lenda pessoal.

Somados à leitura de trechos de seus romances há depoimentos de leitores, ilustres ou não, sobre a importância da obra de Paulo Coelho em suas vidas, contrapondo a acusações dos críticos que classificam como menor sua literatura. Imagens de filas de leitores ávidos por um autógrafo do autor, pessoas emocionadas em encontrar com seu ídolo nos mostram o alcance do carisma de Coelho, pois não é somente no Brasil que este tipo de tietagem acontece. No documentário, podemos ver imagens do Irã onde o autor é realmente um pop star, capaz de juntar milhares de pessoas desejosas em ouvir as palavras sábias do escritor que se tornou um ídolo. A imagem passada, portanto, pelo documentário "*Paulo Coelho, o alquimista da palavra*" é a de um escritor sábio, capaz de conquistar leitores famosos e anônimos no mundo inteiro, mas que para chegar a este patamar teve de passar por todos os percalços em seu caminho como um herói que luta contra seus inimigos e vence no final, como o pastor de *O Alquimista*, livro que Paulo Coelho classifica como metáfora de sua vida.

Quando lançou *O Zahir*, em 2005, Paulo Coelho desejava criar um evento para lançar seu romance durante uma viagem de trem pela Ferrovia Transiberiana, mas não foi possível realizar tal projeto. Não podemos esquecer, entretanto, que quando desejamos algo o universo inteiro conspira a nosso favor e não poderia ser diferente com o escritor. Assim, em 2006, para comemorar os 20 anos de sua

peregrinação a Santiago de Compostela, Coelho fez a tão desejada viagem pela ferrovia mais longa do mundo, são 9288 km percorridos em nove dias. Acompanhado pela repórter Glória Maria, a viagem do escritor foi transmitida pelo *Fantástico* em oito episódios, transformando-se em uma série intitulada de “*Sibéria: A Missão de um Mago*” e em capa da primeira revista dedicada ao programa da Rede Globo.

“Paulo Coelho, portanto, não tinha do que se queixar. Sua condição privilegiada incluía, além de Alexander, o Sasha, e Roman, dois guarda-costas permanentemente postados à porta do vagão, requintes como um chefe de cozinha exclusivo, ducha quente com água generosa, secretária, camareiras, Internet, uma boa adega e janelas à vontade para admirar a paisagem. Paulo viajou em companhia de três equipes de TV, intérpretes e assessores. E Eva, cada dia mais ao centro do círculo. Glória Maria, enquanto isso, gelou ao ver que nem sua cabine, tampouco o vagão tinham ducha.”

Todos os privilégios dignos de um autêntico pop star vinham acompanhados de fãs que, em cada parada do trem, se amontoavam para conseguir uma palavra ou um simples autógrafo do ídolo. Sempre muito simpático e sorridente, Paulo Coelho afirma que não há nada mais gratificante para um escritor do que o contato com seus leitores. Filas de mais de 1000 pessoas são formadas nas livrarias de um país com autores como Dostoiévski e Tolstói, mas é o escritor brasileiro o mais lido na Rússia. A imagem de Paulo Coelho causa comoção em seus fãs, aonde quer que ele vá seu carisma atrai seguidores que, segundo a repórter Glória Maria, o recebem como um deus e enxergam no escritor alguém capaz de transformar seus sonhos em realidade.

O programa exibido no *Fantástico* pouco fala sobre o escritor, há muito mais matérias sobre as curiosidades e os lugares históricos do país do que sobre Paulo Coelho. Com lindas imagens e uma belíssima trilha sonora, a repórter Glória Maria percorre a Transiberiana e dá suas próprias impressões sobre o país e toda a longuíssima viagem. Desta vez, entretanto, o misticismo não ficou de fora, mas Coelho manteve-se distante de assuntos mágicos e pouco falou sobre isto. De um lado, Glória Maria visitando o Lago Baikal, considerado sagrado pelos místicos, e entrevistando um xamã; do outro lado, o escritor preocupado em entender os mistérios daquela viagem que o deixou com mais perguntas do que respostas e querendo encontrar o maior número possível de leitores. No meio, uma tal de Eva. Moça russa cheia de mistério, capaz de mergulhar nas águas

geladas do Lago Baikal, dizendo-se não ser deste planeta e afirmando que Coelho também não é daqui. Em frente às câmeras o escritor limitou-se a falar que Eva possui algo mágico, entretanto, sem ser filmado, o autor decidiu mergulhar nas águas místicas de Baikal, chamado por Coelho de coração espiritual da Rússia moderna. Portanto, apesar de ter no título da série a palavra “mago”, o próprio Paulo Coelho esteve mais preocupado em provar, talvez para si mesmo, a força de seu carisma e a capacidade de atrair um número imenso de pessoas do que vivenciar e mostrar aos telespectadores algo ligado à magia. A viagem, que Coelho dedicou ao escritor Alexander Soljenitsin, talvez vire um romance e quem sabe seja a misteriosa Eva a personagem principal de mais um livro de sucesso.

Saído da Rússia, Coelho deu uma passadinha na Alemanha, onde aproveitou para distribuir mais autógrafos e assistir aos jogos da Copa do Mundo. Infelizmente, as energias do Lago Baikal não ajudaram a nossa seleção.

O Instituto Paulo Coelho, localizado em Copacabana, é o local onde a memória de Coelho está guardada. Lá, podemos encontrar os muitos prêmios recebidos pelo escritor, edições de suas obras em diversos idiomas e um extenso material já digitalizado. Lugares assim, que guardam a memória dos grandes escritores, estão ficando comuns nos dias de hoje, entretanto, o incomum é um escritor em vida ter um espaço exclusivo para sua memória.

Ao nos depararmos com os mais de oito mil arquivos digitalizados, descobrimos que o hábito de guardar tudo aquilo que tenha seu nome incluído não é dos dias de hoje, afinal, mesmo redações de escola datadas de 1963 estão arquivadas. Quando dizemos que está guardado tudo o que tenha o nome de Paulo Coelho, não exageramos, pois até a citação do nome de escritor feita por alguma celebridade em voga está presente em seus arquivos.

Parece-nos que Paulo Coelho nunca quis ser esquecido e sempre teve em mente que este material algum dia serviria para a posteridade, ou seja, o sonho de ser reconhecido, de ser famoso, sempre esteve presente e foi a partir deste material que pudemos coletar dados que nos mostrem a construção de sua imagem.

*“Paulo Coelho sempre teve uma tremenda consciência de sua imagem, e as decisões que toma nessa área costumam ser acertadas.”* (Mauro Salles, publicitário)

Sim, Paulo Coelho é um pop star e, como tal, tem plena consciência da força de sua imagem. Hoje a imagem de Paulo Coelho é esta: cabelos raspados com um

rabo de cavalo estilo indiano; roupas pretas, que ele diz serem mais práticas para levar em viagens; um discurso distante da magia e mais próximo da sabedoria e da filosofia e repleto de referências a autores consagrados; um escritor rico, bem sucedido e capaz de vender milhões de livros no mundo inteiro, mas ainda hostilizado pela crítica literária. Um homem capaz de transformar sua própria história pessoal em um discurso heróico, que dá esperança aos seus leitores e atrai mais seguidores.